



Dinâmica do conhecimento: alguns apontamentos sobre a questão *praedicatum inest subjecto* em Leibniz

Dynamics of knowledge: some insights on the question *praedicatum inest subjecto* in Leibniz

DOI: <https://doi.org/10.20873/rpv6n1-80>

Cristiano Bonneau

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2402-4678>
E-mail: crbonneau1@gmail.com

Resumo

O tema “predicado no sujeito” (*praedicatum inest subjecto*) constitui-se em um importante fundamento na filosofia de Leibniz, na medida em que esta noção organiza do ponto de vista lógico, várias questões da filosofia leibniziana, como a lógica, a linguagem, a epistemologia e a metafísica. Nesse texto, trataremos dessa noção a partir de uma leitura metafísica da substância em Leibniz, que busca dar o máximo de realidade possível aos seres criados por Deus. O ser, na dimensão do sujeito e de suas qualidades, não apenas são o resultado do decreto divino, mas se apresentam ao mundo em uma configuração racional, que ao mesmo tempo, garante e, sua ontologia, a sua identidade e sua diferença. Nossa investigação envereda pela leitura do *praedicatum inest subjecto* nesse caminho.

Palavras-chave

Leibniz. Metafísica. Predicado. Sujeito.

Abstract

The theme “predicate in the subject” (*praedicatum inest subjecto*) constitutes an important foundation in Leibniz’s philosophy, insofar as this notion organizes, from a logical point of view, several issues of leibnizian philosophy, such as logic, language, epistemology and metaphysics. In this paper, we will deal with this notion from a metaphysical reading of the substance in Leibniz, which seeks to give as much reality as possible to beings created by God. Being, in the dimension of the subject and its qualities. Thus, are not only the result of the divine decree, but are presented to the world in a rational configuration, which at the same time guarantees and, on its ontology, its identity and its difference. Our investigation takes the reading of the *praedicatum inest subjecto* on this path.

Key-words

Leibniz. Metaphysics. Predicate. Subject.

Tratemos de uma das temáticas fundamentais que compõem o que podemos apontar como *corpus leibniziano* e que perpassa, ora como tema central, ora como satélite os textos de Leibniz- em que circunstâncias ou quais processos as nossas ideias se dão e as condições de nossa racionalidade, que se processam em uma língua/linguagem, cujo resultado é o próprio conhecimento, ou o que podemos afirmar que seja o mundo. E em seguida, essa dinâmica manifesta-se novamente enquanto ideia. Em grande medida, esse é o processo descrito nos *Novos Ensaios*, o que nos leva a investigar essa relação que se dá durante a construção do conhecimento, a saber, a transformação do simples em complexo e a consolidação do sujeito em predicado. No entanto, esclarecemos que o texto que disponibilizamos consiste em um comentário sobre o tema do conhecimento e suas condições nos *Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão* que abreviamos aqui como PNG.

Adiantamos, desde já, que essa não é uma análise lógica, mas que guarda e revela, uma lógica própria, cujo resultado são as condições de inteligibilidade de algo, partindo do sujeito que conhece algo. Nossa hipótese paira na seguinte questão: que se pode pensar/estipular/demarcar o sujeito como simples ou unidade, e seus predicados como complexos e desdobramentos possíveis de sua condição atual. Entendemos que, ao darmos esse passo em Leibniz, inspirados em sua forma de pensar e sistematizar o conhecimento, entramos em plena consonância com o *progresso perpétuo das Ciências e da Filosofia*, o que se configura em um modo mais apropriado de aproximar-se cada vez mais ao movimento infinito do universo.

O *projeto de uma Ciência em Geral* consiste em uma empresa intelectual, um esforço da inteligência que admite podermos de alguma forma conhecer a natureza, apesar de nossa condição/situação ontológica e do lugar que ocupamos no cosmos estarem marcados pela própria finitude da substância, tornando o processo de constituição/construção/descoberta/invenção do saber como *ad infinitum*. Leibniz não estabelece um ponto de partida para essa empreitada e essa investigação filosófica, mas procura sempre deixar bastante claro que se existir um êxito, um saber que se consolide, essa ciência recém-formada, por mais sustentável teórica e metodologicamente que possa se

apresentar, ainda assim, é sempre provisória. O conhecimento esbarra em nossa condição de criatura no universo, o que demarca a nossa própria finitude, bem como os limites de nossas ações.

A contrapartida ao mensurável consiste em Deus, que garante a infinitude da própria natureza e de seus modos de apresentação. Esse avanço constante do finito sobre o infinito, do temporal para o eterno, da unidade para a multiplicidade e do simples para o complexo, é o que nos proporcionará novos prazeres¹ e nos permitirá vislumbrar novas perfeições, bem como, outros mundos possíveis.

A questão e pergunta fundamental- cuja defesa de Heidegger revela-se como uma das mais importantes da filosofia, consiste em perguntar por que existe algo ou alguma coisa e não o nada.² Diante de um problema filosófico dessa envergadura, somos remetidos diretamente às razões que determinam que algo seja dessa forma e não de outra, e que podemos transferir essas preocupações para todos os campos que permitem os mais diversos modos da existência humana em sua condição de substância e limitada. Tratamos assim, da existência como algo positivo e que consiste sobre essa condição, e não outra, e assim que devemos nos debruçar então. O mundo só pode ser interpretado partindo daquilo que ele é e como se manifesta; somente a partir disso podemos efetivamente conhecer ou formular qualquer teoria do conhecimento.

Portanto, se é sobre o que existe que vergamos nossa reflexão- o que há então, não pode haver de qualquer forma. Por isso, contingência e necessidade se entrelaçam para formar o enredo positivo da existência, na medida em que não há existência ou qualquer outra coisa fora de uma ordem lógica que lhe seja garantidora. Um princípio organizacional torna-se necessário

¹ PNG, § 16 e § 17.

² “Até aqui, falamos apenas como simples físicos; importa agora elevar-se à metafísica, recorrendo ao grande princípio, comumente pouco usado, o qual afirma que nada se faz sem razão suficiente; isto é, que nada sucede sem que seja possível àquele que conhece assaz as coisas fornecer uma razão suficiente para determinar porque é assim, e não de outro modo. Posto este princípio, a primeira questão que se tem direito a fazer será: por que há alguma coisa em vez do nada? Afinal, o nada é mais simples e mais fácil do que alguma coisa. Ademais, na suposição de que as coisas tenham de existir, é necessário que se possa explicar por que é que elas devem existir assim, e não de outra forma” (PNG, § 7).

e por isso, pode, ainda que distante, ser especulado pela razão. Se há a existência, tal episódio, fato, dilema, questão, problema, que se organiza em torno de uma ou várias substâncias, essa estabeleceu suas condições ou causas favoráveis para tal. Dessa forma, não há efeito sem causa, ou causa sem razão. A existência é ao mesmo tempo a construção das condições e de um espaço lógico capaz de comportar a mínima substância possível. Por isso, o que existe é suscetível de conhecermos. Substancias formam a partir de si, cadeias de eventos cujas condições são determinadas pelos próprios limites que estas apresentam e representam.

Nosso momento atual consiste no resultado desse entrelaçamento, que em algum momento pode ter sido simples, representado por uma unidade, mas que nesse instante, pela junção/conjunção das unidades disponíveis, vai além de uma mera soma de eventos, e só pode ser pensado exponencialmente. Isso pela razão de que a passagem da unidade para o composto, também é uma alteração das próprias qualidades que estão envolvidas nessa passagem. Por isso, a existência não é apenas quantitativa (e podemos apontar com sucesso a quantidade de algo para poder representá-la), mas também, qualitativa, na medida em que as representações da unidade formam novas possibilidades do mundo.

As substâncias em seus agregados dão-se em condições pré-determinadas, pois estão sujeitas à lógica inerente da existência. Isso não significa, de forma alguma, que um evento ocorrido não poderia ter sido de outra forma ou outro modo. A razão suficiente, que determina a necessidade de um episódio não implica outra coisa que não seja a garantia de que o mundo se dá a partir dos atores e cenários que estão nele nesse momento. São esses elementos em sua condição atual que permitem o jogo das atualizações das representações de mundo.

Por isso, ainda que os contingentes e os futuros contingentes (algo ocorrerá mais tarde, mesmo que não saibamos ainda) possam vir a revelar e apontar uma razão suficiente, uma necessidade lógica ou uma causa para o seu aparecimento desse modo e não de outro, somente a existência, na contingência, daquilo que ocorre nesse instante, no estado atual de percepção, apetição e apercepção, no momento da atualização da substância em si mesma, ou do *moi même*, que podemos iniciar um desvelamento da necessidade que permitiu essa ocorrência. O conhecimento, representado pelas ciências em suas distintas formas (as matemáticas, a lógica,

a física, a filosofia e a teologia) consiste em tomar consciência dessas condições (leis e regras gerais da Natureza e da Graça) e assim, poder até prever/calcular/medir que em determinadas combinações e arranjos os resultados mais prováveis dos eventos são esses ou aqueles.

Cabe registrar que na ordem e na mente divina, não há qualquer dicotomia entre existência e essência, contingência e necessidade. O conhecimento que almejamos construir consiste em nos aproximarmos ao máximo desse paradigma do conhecimento divino; no entanto, é justamente essa tensão, que se revela em plenas e reais dificuldades de constituição das bases sólidas de uma ciência, que consiste nos limites intransponíveis de construção do saber. Nossa condição limitada de substância aponta para uma dupla dimensão: que nossos conhecimentos produzidos também são incondicionalmente limitados e que não há outra saída a não ser avançar sempre, ainda que o ponto de partida e de chegada se mostrem eternamente insuficientes. Podem ser úteis para um propósito ou uma tarefa específica, mas isso não garante que se mantenham para além disso. Convém-nos tratar dessas limitações para compreendê-las a partir do horizonte filosófico de Leibniz.

O que vislumbramos é que não há relação com o mundo, ou existência, fora das condições finitas da própria substância. Por isso, só há mundo a partir de nós mesmos. As contingências como modo de apresentação de outras substâncias do mundo em nós mesmos, que ocasionam a constante atualização da própria substância em si mesma, dão-se pela via das percepções, que podem ser claras ou pequenas (*petites perceptions*). Nos encontramos com o mundo de maneira condicionada (pela forma de apresentação das percepções) e o que percebemos é a sua contingência que pode ser uma ou várias. Esse é o modo primeiro e limitado de apreensão dos fenômenos do mundo. De certa forma, nossas percepções ou dados coletados da contingência a partir de nós mesmos, vão se tornando menos informes ou mais claros na medida em que as percepções em sua dinâmica avançam sobre eles, mesmo que ainda permaneçam em uma desconfortante escuridão.

Podemos considerar que esta seria a mensagem e a própria imagem do limite, na medida em que a percepção seguinte busca, através da apetição, uma posição melhor que a anterior, com o intuito de atualizar o instante mais próximo possível da contingência ocorrida. Quando

raciocinamos, somos impregnados pela atenção de que, houveram momentos mais claros ou mais obscuros que o instante atual e esse é um processo que não cessa em momento algum. Leibniz aponta para razão desse movimento sempre em marcha.

Considerando que a Natureza é o que Leibniz caracteriza e defende por *riqueza de fenômenos* (aquela que está cheia)³, essa seria a razão e a garantia de que os filósofos e cientistas terão trabalho enquanto existirem. Nossas percepções atacam as contingências, ou seja, a riqueza de arranjos e combinações pelas quais as substâncias que fazem parte do mundo se manifestam- dessa forma, flertamos com o infinito, que ampliaria cada vez mais as causas que determinam seus acontecimentos. Por consequência, as necessidades que seriam as razões pelas quais um determinado evento ocorre e não outro também se ampliam, tornando assim, os acontecimentos mais claros ou menos obscuros, bem como menos confusa a própria contingência. Por isso a mônada é uma unidade dinâmica (Metafísica, Física e Matemática): um espelho vivo do universo, imagem da própria divindade.

É na imagem/metáfora⁴ do espelho/reflexo que Leibniz nos conduz para mais uma inflexão importante de seu pensamento na construção do sentido de nossa relação com o mundo. O espelho exprime uma imagem e dessa forma, mantém a distância entre imagem e o objeto/cena que este reflete. A questão então insurge: e se a imagem, com todas suas implicações, se constituísse na via que angariasse qualquer acesso à realidade do mundo? A forma, a maneira, o modo, o que ainda mantém distância, portanto, distinto e separado, pois há discriminação, discernimento e qualidades necessárias - e que é a base sólida do pensamento de Leibniz- entre criador e criatura, as mônadas e Deus.

³ “Tudo na natureza está cheio. Em toda a parte há substâncias simples, efetivamente separadas umas das outras por ações próprias, que modificam, sem cessar, as suas relações; e cada substância simples ou mônada individual, que constitui o centro de uma substância composta (como, por exemplo, de um animal) e o princípio da sua unicidade, está rodeada de uma massa formada por uma infinidade de outras mônadas, que constituem o corpo próprio dessa mônada central; de acordo com as afecções dele representa ela, como numa espécie de centro, as coisas que lhe são exteriores” (PNG, § 3).

⁴ “No tocante à alma racional ou ao espírito, há algo mais do que nas mônadas ou nas simples almas. Ele não é apenas um espelho do universo das criaturas, mas também uma imagem da divindade. O espírito não tem somente uma percepção das obras de Deus, mas é também capaz de produzir alguma coisa que se lhes assemelha, embora em ponto pequeno” (PNG, § 14).

Esse é um fosso ontológico intransponível- é preciso esse encetamento, para entender que os humanos são tão somente pontos de vista do universo, sendo únicos, um ser e um agregado que podemos considerar como original. Essa condição ontológica, intrínseca à constituição, à disposição, à distribuição e ao propósito de cada substância possui implicações gnosiológicas, éticas, políticas, metafísicas e estéticas, testemunhando a imensa contribuição de Leibniz para a visão do sujeito moderno e pós-moderno. Não podemos deixar de considerar, que, em grande medida, esse raciocínio representa o alcance da *Monadologia* de Leibniz.

Dessa forma, por não possuir acesso à totalidade, apenas como forma de composição da integralidade do cosmos, somos apenas partes desse todo, o que implica, destarte, nas condições pelas quais nossas perspectivas e visões do universo se dão, assim sendo, limitadas e qualitativamente distintas. São as qualidades que determinam a identidade do sujeito. O sujeito, imiscuído de seu predicado ou predicados, é a possibilidade mais exequível, plausível e concebível do mundo atual. Corresponde, em síntese, o que nossa situação perspectiva nos proporcionou.

Se os predicados são sempre possíveis e também necessários para definição de sujeito, podemos concluir que, o predicado no sujeito (*praedicatum inest subjecto*) consiste no momento mais atual e real de nossa relação com o mundo. São o contexto factível de reflexão de uma determinada imagem ao invés de outra. Somente dessa forma que o conhecimento pode avançar, concebendo assim, novas ciências e filosofias capazes que acompanhar essa mudança/atualização inerente à própria natureza. O mundo é concebido a partir da filosofia de Leibniz, na imagem de suas mônadas, na relação entre predicado e sujeito, como possibilidade, ou seja, a tensão constante entre o necessário e o contingente.

Vejamos que essa situação aparece agora como uma espécie de abertura, ainda que logicamente rigorosa. Abertura que Leibniz concebe como o momento atual ou o mais perfeito.⁵

⁵ “Da perfeição suprema de Deus depreende-se que, ao produzir o universo, Ele terá escolhido o melhor plano possível, onde haja a maior variedade com a maior ordem, com o melhor ordenamento do terreno, do lugar e do tempo: com o máximo efeito produzido pelos processos mais simples; com o máximo de poder, de conhecimento, de felicidade e de bondade nas criaturas, que o universo podia acolher. Como todos os possíveis no entendimento de Deus aspiram à existência na proporção das suas perfeições, o resultado de todas essas pretensões será o

Já que Deus não poderia ter feito/planejado de outra forma esse mundo- e é nesse horizonte que Leibniz irá propor uma definição metafísica e qualitativa de perfeição- os eventos são sempre aqueles que possuem maior possibilidade, ou seja, maior realidade. Tendo um sentido mais amplo, torna-se cada vez mais claro, mesmo que longe de uma compreensão definitiva. Dessa forma, cumpre-se o processo de estabelecimentos dos predicados no sujeito, como condição de entendimento de uma ou mais ordens de acontecimentos, em que as percepções são atualizadas⁶ e fazemos avançar as ciências, tornando o sujeito cada vez mais adequado à sua realidade.

A relação entre necessidade e contingência é a forma pela qual dispomos nosso conhecimento do mundo, na medida em que, isso torna-se um problema sem horizonte de resolução para nós, mesmo não sendo problema algum para o entendimento divino. O predicado no sujeito de Leibniz não se converte somente em uma forma lógica de relação/ligação entre as verdades de razão e as verdades de fato – apresenta-se como um avalista que problematiza o acesso da razão à dinâmica do mundo e suas mudanças ou riquezas, mesmo que provisoriamente e sem perspectiva de clareza em um determinado instante. Por isso, concordamos com Leibniz – o conhecimento sempre avança e progride⁷ – proporcionado mesmo que por alguns momentos, a miragem de uma chegada ou um porto seguro, aguardando apenas, este instante como mais um ponto de partida em direção ao conhecimento do universo das mônadas e suas misteriosas disposições.

mundo atual o mais perfeito que for possível. E, sem isso, não seria possível dar razão de porquê é que as coisas foram assim, e não de outro modo” (PNG, § 10).

⁶ “As percepções das mônadas nascem umas das outras pelas leis dos apetites ou das causas finais do bem e do mal, que consistem nas percepções observáveis, ordenadas ou desordenadas, tal como as mudanças dos corpos e os fenômenos externos nascem uns dos outros em virtude das leis das causas eficientes, ou seja, dos movimentos. Existe assim uma harmonia perfeita entre as percepções da mônada e os movimentos dos corpos, preestabelecida inicialmente entre o sistema das causas eficientes e o das causas finais. E nisso consiste o acordo e a união física da alma e do corpo, sem que nenhum deles consiga alterar as leis do outro” (PNG, § 3).

⁷ “A suprema felicidade (seja qual for a visão beatífica ou o conhecimento de Deus que a possa acompanhar) jamais pode, decerto, ser completa porque, sendo Deus infinito, nunca será de todo cognoscível. Assim, a nossa felicidade nunca consistirá, e não pode consistir, numa plena fruição onde nada mais haveria a desejar e que tornaria estúpido o nosso espírito; mas num progresso perpétuo para novos deleites e novas perfeições” (PNG, § 18).

Referências bibliográficas

BONNEAU, C. Razão e Emulação na Pós-Modernidade. In: MACEDO, H.; PALHANO, T. **Filosofia, Educação e formação humana na contemporaneidade**. Editora do CCTA, João Pessoa, 2018.

BONNEAU, C. A questão da invenção - uma reflexão sobre o conhecimento em Leibniz. **Cadernos Espinosanos**, n. 34, 2016, P. 89-104,

LEIBNIZ, G. W. Ed. Gerhardt, **Die Philosophischen Schriften von Leibniz**, 7 vols. Hildesheim: Olms. 1965.

LEIBNIZ, G. W. **Leibniz**. Estudio Introcutorio por Javier Echeverría. Editorial Gredos, Madrid, 2011.

LEIBNIZ, G. W. **Escritos Filosóficos**. Ed. E. de Olaso, Buenos aires, Charcas, 1982.

Recebido em: 21/1/2021

Aprovado em: 27/4/2021

Cristiano Bonneau

Professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação, especialização, mestrado e doutorado em Filosofia, com Doutorado Sanduíche pela Universidade Paris I- Panthéon Sorbonne. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Teoria do Conhecimento, Ética e Metafísica. Na área da Filosofia Moderna, estuda o pensamento de Leibniz e também as filosofias de Descartes, Malebranche, Espinosa, Bayle, Arnauld e Locke. Atua como pesquisador do grupo de pesquisa "Sobre Leibniz e o leibnizianismo" da UFPB, no Centro de Ciências Aplicadas e Educação. Trabalha também com temas em torno da Filosofia, Educação e Ensino, assim como Pós-Modernidade e História da Filosofia e da Ciência. Membro da Sociéte d'Études Leibniziennes de Langue Française, da RED Iberoamericana Leibniz. Associação de Professores e Estudiosos de Filosofia da Paraíba e membro do GT Leibniz da ANPOF. Atua como professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, orientando na linha de Ética e Filosofia Política.